

A Divulgação Científica e o Implante Coclear: uma análise discursiva

Scientific Divuligation and Cochlear Implant: a discursive analysis

Clevisvaldo Pinheiro Lima¹
Universidade Federal do Piauí

Anesio Marreiros Queiroz²
Universidade Federal de Alagoas

♦ **RESUMO:** O discurso sobre o implante coclear tem produzido, tanto no meio acadêmico quanto na sociedade, em geral, discussões profícuas. Quando essas discussões são (re)produzidas na/pela mídia, especialmente a mídia televisiva, por meio do Discurso de Divulgação Científica (DDC), tal discussão ganha proporções nacionais. Dessa forma, procuramos, sob o viés da análise de discurso materialista, compreender os efeitos de sentido produzidos pela (re)produção de um discurso científico sobre o implante coclear na/pela Rede Globo de televisão por meio de seus programas matinais destinados, em geral, à mulher, a quem é delegada, com base no imaginário coletivo, a responsabilidade pelo cuidado e educação dos filhos, sobretudo quando esses têm alguma deficiência. Nosso corpus discursivo é composto por oito programas da referida emissora. A partir da análise de nosso material, constatamos que os discursos de divulgação científica acerca do implante coclear são proferidos a partir de um lugar que produz sentidos que o validam como única possibilidade de inclusão da pessoa surda.

♦ **PALAVRAS-CHAVE:** Implante Coclear. Surdos. Discurso de Divulgação Científica.

♦ **ABSTRACT:** The discourse on the cochlear implant has produced fruitful discussions both in academia and in society in general. When these discussions are (re)produced in/by the media, especially the television media, through the Scientific Disclosure Discourse (SDC), such a discussion gains national proportions. In this way, we seek, under the bias of materialist discourse analysis, to understand the effects of meaning produced by the (re)production of a scientific discourse on the cochlear implant on/by Rede Globo television through its morning programs aimed, in general, at to the woman, who is delegated, based on the collective imagination, the responsibility for the care and education of the children, especially when they have a disability. Our discursive corpus is composed of eight programs from the aforementioned station. From the analysis of our material, we found that the discourses of scientific divulgation about the cochlear implant are uttered from a place that produces meanings that validate it as the only possibility of inclusion of the deaf person.

♦ **KEYWORDS:** Cochlear implant. Deaf. discourse of scientific divulgation.

¹Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); Professor Adjunto da Coordenação de Letras Libras da Universidade Federal do Piauí (UFPI);

²Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

Introdução

O saber científico tem se apresentado cada vez mais presente no cotidiano da sociedade (brasileira e mundial) e nessa busca por uma democratização do conhecimento, o Discurso de Divulgação Científica (doravante DDC) tem assumido um papel de protagonismo, fazendo circular o saber em diferentes campos midiáticos, mas, principalmente, na televisão, que, por se utilizar de uma combinação entre o verbal e o não verbal, tornou-se uma das principais formas de comunicação midiática. De acordo com Dela-Silva (2016), com o advento da televisão mudou-se, profundamente, o modo de se fazer circular as informações, provocando uma perda de espaço tanto da mídia impressa quanto da mídia radiofônica.

A televisão tornou-se rapidamente uma mídia de ampla circulação e um local de práticas discursivas, sendo necessário, para apreender seu funcionamento, consoante Gregolin (2007, p.13), “analisar a circulação dos enunciados, as posições de sujeito aí assinaladas, as materialidades que dão corpo aos sentidos e às articulações que esses enunciados estabelecem com a história e a memória”. A televisão afeta não apenas a forma de presença do conhecimento na sociedade, as formas de sua circulação como também a forma como a sociedade participa da/na produção desse conhecimento. Além disso, por ser atravessada pela lógica de mercado do modo de produção capitalista, ela estabelece, ainda, o que deve e o que não deve ser consumido.

Para Orlandi (2012, p.179), a televisão individualiza (ainda que pela globalização) e instantaneiza as informações por ela veiculadas, produzindo um acontecimento sem história. E isso se dá, segundo a autora, porque em seu processo produtivo não há deslocamentos de sentido, deslizos, rupturas, porém apenas “uma reiteração do mesmo produzindo a ilusão do diferente, o variado” (ORLANDI, 2012, p.180). Para explicar essa questão da instantaneidade da mídia, Gregolin (2007, p. 16) utiliza os termos ‘história do presente’ e ‘história ao vivo’.

Para a estudiosa, é por meio destes construtos que a mídia tenciona em nós a questão da memória e do esquecimento, formatando a “historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente” (GREGOLIN, 2007, p.16). Nesta perspectiva, é importante pensar como o DDC funciona na mídia (aqui especificamente a mídia televisiva) e como ela faz o DDC circular em meio a um grupo heterogêneo de pessoas.

É nesta perspectiva e fazendo uso do aporte teórico da análise de discurso materialista que nos debruçamos, neste trabalho, sobre a questão do implante coclear, sobre o modo como o discurso sobre este dispositivo circula e os efeitos de sentido que são produzidos. Para tanto, tomamos como *corpus* desta pesquisa 08 (oito) programas das atrações matinais da Rede Globo, a saber: Mais Você; Bem-Estar e Encontro com Fátima Bernardes.

Discurso de Divulgação Científica (DDC)

Entende-se por DDC, isto é, Discurso de Divulgação Científica, a textualização jornalística do discurso científico, ou seja, a divulgação dos resultados das pesquisas científicas por meio de uma forma mais acessível e menos técnica para o público em geral. O DDC se apresenta de diversos modos, conforme o domínio do saber, e estabelece

uma relação imaginária entre o divulgador, o cientista e o público leitor, num entrecruzamento de diferentes espaços de significação.

Neste discurso, há menos uma preocupação com a manutenção da cientificidade e mais com a divulgação. Esse se dará pelo tripé: discurso científico, discurso jornalístico e discurso cotidiano, a partir do qual ocorrerá a formulação de um novo discurso, que segundo Grigoletto (2005) não causa uma ruptura, mas um deslocamento que mantém “o efeito de ressonância do discurso da ciência” (GRIGOLETTO, 2005, p.43). Não se pode, todavia, conceber o DDC como resultante da simples soma dos discursos científicos, jornalísticos e cotidianos. Trata-se, como nos esclarece Orlandi (2012, p.151), de “uma articulação específica com efeitos particulares, que se produzem pela injunção a seu modo de circulação”.

Outrossim, o DDC não é um discurso “da” Ciência³, mas um discurso “sobre” a Ciência. Há uma didatização do discurso científico e um efeito de terminologia que permite pôr em contato o discurso do senso comum e o discurso científico. Nunes (2001, p. 33) pontua que “ao lado da objetividade da ciência, vemos perfilarem-se uma série de atitudes não-científicas, que vêm reconfortar o leitor no momento da divulgação mediática”. É, precisamente, neste sentido que funciona o mecanismo da menção, em que não se diz “x”, mas sim “o cientista tal diz x”. Pela menção, o jornalista, ocupando a posição de jornalista científico, evoca os saberes da ordem da ciência para legitimar e dar credibilidade ao seu discurso.

Para Orlandi (2012), isso traria ao leitor padrão mais que uma informação, um efeito de verdade, assegurado pelas descrições, sinônimos, perífrases, equivalências, etc. Assim, não há uma equivalência entre o que é dito no discurso científico e no DDC, não se tem um transporte de sentidos de um discurso para o outro, mas um deslocamento, uma transferência em que os sentidos se deslizam, produzindo outros efeitos de sentido.

Como se observa, por esse funcionamento, o discurso jornalístico não é mero receptáculo, mas um meio e, portanto, não é indiferente aos sentidos, não é neutro, uma vez que “enunciar na mídia é enunciar segundo a interdiscursividade que determina as formulações da mídia” (GUIMARÃES, 2001, p.15). O próprio acontecimento enunciado pela mídia já é atravessado por questões ideológicas uma vez que o acontecimento para a mídia diz respeito a uma relação da mídia com os eventos do mundo social e político, a partir da posição da qual ela enuncia. É por esse motivo que a alguns acontecimentos é dado destaque e a outros não.

Importante ainda salientar que o DDC se constitui numa zona de tensão entre a voz da ciência e a do senso comum, atravessada pela voz da mídia, havendo uma constante imbricação de vozes advindas desses lugares discursivos que são, por sua vez, cercados por implicações ideológicas. O divulgador faz a ponte entre o cientista e o leitor, trazendo para dentro do DDC elementos que não caberiam no discurso científico. É no interior desse espaço discursivo da divulgação científica que os sujeitos se inscrevem e ocupam suas diferentes posições-sujeito.

Em Orlandi (2012) aprendemos que o processo de produção do discurso implica três instâncias indissociáveis e igualmente relevantes: sua constituição, sua formulação e sua circulação, que ocorrem em certa conjuntura e segundo certas condições, mas que, uma vez postas em circulação, jamais se estancam, instalando e/ou reinstalando-se em muitas e diferentes formas de linguagem dentre elas, na divulgação científica, que faz circular junto à população, por meio da mídia, os discursos produzidos no interior das comunidades científicas.

³ Como nos ensina Pêcheux (2014, p. 182), “não há discurso da ciência [...] porque todo discurso é discurso de um sujeito”.

A ciência desloca-se de seu lugar de ciência, das universidades, dos laboratórios e centros de pesquisa, e se dirige ao cotidiano, utilizando, para tanto, o espaço da mídia e a prática de reformulação, possibilitando que, pelo uso de uma linguagem do cotidiano, tal discurso circule de maneira mais abrangente. Nunes (2003, p. 52), afirma que um tema pode ser considerado como um assunto cotidiano quando há uma abertura das questões científicas para o cotidiano do grande público, isto é, quando “as discussões sobre ele podem ser sustentadas seja pelos cientistas, seja pelo grande público ou pelo jornalista.

Pontuamos, ademais, que no processo de formulação e de circulação do DDC deve-se considerar a noção de silêncio (ORLANDI, 2007). Quando compreendemos que não há sujeito sem ideologia, que a mídia faz circular o conhecimento a partir da formação discursiva em que se encontra inserida (e sob determinadas condições de produção) e que em todo dizer há confronto do simbólico com o político, vemos que o estudo do silêncio possibilita-nos entender o que é dito, porque é dito e o que é deixado às margens do dizer.

Constituição do *corpus* da pesquisa

Como dissemos anteriormente, o *corpus* desta pesquisa é composto por 08 (oito) programas das atrações matinais da Rede Globo: Mais Você; Bem-Estar e Encontro com Fátima Bernardes. A seleção dos programas foi feita com base nos resultados obtidos quando inserimos o sintagma nominal “implante coclear” tanto na rede social ‘Youtube’ quanto na página da Globo Play, uma plataforma digital de streaming de vídeos e áudios sob demanda, desenvolvida e operada pela Rede Globo. A partir dessa busca, encontramos oito ocorrências sobre a temática do implante coclear nos programas matinais supracitados.

A escolha pela Globo assenta-se no fato de que essa é a emissora de sinal aberto no Brasil que apresenta o maior alcance nacional, veiculando sua programação para 5.485 municípios, o que representa 98,47% dos municípios do território brasileiro⁴. Além disso, a Globo é, a emissora com a maior audiência domiciliar entre as TVs abertas do país, tendo uma audiência maior que a das outras três emissoras somadas.

No que concerne à decisão por trabalhar com programas matinais, ressaltamos que, segundo a Kantar Ibope (2017), as mulheres correspondem à maior parcela dos expectadores de televisão, o que permite às mídias, em posse desses dados, por meio do processo de antecipação, organizar e direcionar sua comunicação ao público potencialmente consumidor das informações veiculadas, a saber: as mulheres. Desse modo, no que se refere aos programas matinais da Rede Globo (Mais Você, Bem-Estar e Encontro com Fátima Bernardes), nota-se que esses são voltados ao público feminino, mais especificamente, à mulher dona de casa, em particular.

Acerca disso é importante destacar que, historicamente, foi delegada à mulher a responsabilidade pelo lar e pelo cuidado com os filhos. De acordo com Yamada e Valle (2014), é ainda mais acentuada a responsabilidade delegada à mulher/mãe de se responsabilizar pelos cuidados básicos diários, educativos, médicos e terapêuticos de seu filho quando esse apresenta alguma deficiência.

No âmbito da surdez, isso significa que, cabe, portanto, a ela a estabilização dos embates acerca dos discursos sobre a surdez, sobre seu filho ter ou não uma identidade surda, sobre esse fazer ou não a cirurgia de implante coclear. Isso posto, utilizando-nos do dispositivo teórico metodológico da análise de discurso materialista, propomo-nos a realizar alguns gestos de interpretação acerca dos programas supracitados, salientando

⁴ <https://negocios8.redeglobo.com.br/paginas/brasil.aspx>

que estabelecemos como recorte os blocos que tratam especificamente sobre a temática do implante coclear.

O Implante Coclear e o Discurso de Divulgação Científica

Para se fazer ciência do discurso é preciso estabelecer relações consistentes entre a teoria, o método, os procedimentos e o objeto de análise. É preciso, mantendo a relação de entremeio, relacionar língua e ideologia, compreendendo que os sujeitos não são empíricos, mas subjetivos e que carregam consigo marcas ideológicas, sociais e históricas. É preciso compreender ainda que todo enunciado é proferido a partir de uma determinada posição que, por sua vez, é definida pela interpelação da ideologia e em determinada época.

Por este motivo, na análise de discurso à qual nos filiamos, trabalhamos sob a perspectiva de um sujeito clivado, não autônomo, embora apresente uma ilusão de completude e de transparência, por acreditar ser a origem do seu dizer, quando, na verdade, tem o seu discurso e os significados que estes evocam determinados pela maneira como se inscreve na língua e na história.

Como salienta Orlandi (2012), não somos animais em interação, mas sujeitos simbólicos vivendo espaços histórico-sociais, o que torna significativo pensar como se constitui o conhecimento em nossa sociedade, mas, principalmente, como ele circula e proporciona a democratização do saber, especialmente no que concerne às questões voltadas aos avanços tecnológicos que produzem consequências tanto para o sujeito quanto para a sociedade, como é o caso do Implante Coclear.

Entre os diferentes trajetos do dizer na sociedade, o jornalismo científico e, a partir dele, o Discurso de Divulgação Científica (DDC) ocupam, por meio da mídia, o protagonismo na mediação deste tipo de conhecimento. O DDC, como já dissemos, é a textualização jornalística do discurso, a socialização/popularização de resultados de pesquisas científicas de forma mais clara e acessível ao público leitor.

Orlandi (2012) destaca que embora o DDC possa ser visto como uma versão do texto científico, pela forma como se apresenta e circula, há uma didatização do discurso da Ciência, uma acentuação do aspecto técnico do discurso, que põe o discurso da Ciência em contato com o discurso do senso comum, propiciando uma maior identificação junto ao leitor. Em nosso material de análise, isso pode ser percebido, entre outros momentos, no trecho a seguir:

o implante coclear também é conhecido como ouvido biônico... mas isso não tem nada de ficção é uma cirurgia da vida real... pra você saber melhor como isso funciona é preciso conhecer o nosso sistema auditivo... entender como os sons chegam até o cérebro e são traduzidos... o sistema auditivo tem várias partes... primeiro o ouvido externo... constituída pela orelha e pelo canal do ouvido... depois vem a orelha media composta pela membrana do tímpano e por três pequenos ossos de nomes engraçados... martelo... bigorna e estribo... a orelha interna é formada pela cóclea... que é a parte que vai ser substituída por um aparelho na cirurgia... a cóclea contém células com pequenos pelinhos chamadas de cílios... ela parece um caracol... são esses pequenos pelos que transformam a vibração em sinais elétricos... os nervos auditivos recebem esses sinais e os levam direto para o cérebro onde são interpretados... nas pessoas surdas essa parte do ouvido... a cóclea... foi danificada... é como se houvesse uma falha na transmissão do som até o cérebro... o que os médicos fazem é substituir a parte danificada por um equipamento eletrônico.

(IMPLANTE COCLEAR. **Programa Mais Você**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 19 de maio de 2009. Programa de TV).

Há, como se percebe, no discurso do narrador sobre o implante coclear, uma justaposição entre termos do discurso científico e do discurso cotidiano, tornando-os equivalentes, não havendo, assim, privilégio a um ou a outro termo. Nunes (2001) salienta que nesse tipo de discurso, o divulgador traz para dentro de seu dizer aquilo que não caberia em um texto científico. Enunciados como “ouvido biônico”, “cirurgia da vida real”, “três pequenos ossos de nomes engraçados” e “pequenos pelinhos”, são exemplos da didatização e da aproximação do discurso da Ciência sobre o implante coclear, um discurso do cotidiano, uma tentativa de aproximação do leitor à temática tratada.

Gadet e Pêcheux (2010, p. 55) esclarecem que é pelo equívoco que “um segmento possa ser ao mesmo tempo ele mesmo e um outro” por meio da metáfora, dos deslizamentos e dos jogos de palavras. Pêcheux (2014) afirma ainda que é pela metáfora que os sentidos são apreendidos das palavras, uma vez que o sentido “existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formações de sinônimos), das quais certa formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório” (PÊCHEUX, 2014, p. 240).

Desse modo, podemos perceber no recorte acima entre as expressões ‘implante coclear’ e ‘ouvido biônico’ um deslizamento de sentidos. Designado como ‘ouvido biônico’, o implante coclear é inscrito em uma memória discursiva, que ‘invoca’ pré-construídos, traços existentes em outros enunciados, que o significa não apenas como um avanço da medicina, mas como uma construção tecnológica que, de tão futurista, precisa ser esclarecido que não se trata de uma ‘ficção’, mas de ‘uma cirurgia da vida real’.

Outra marca que caracteriza o DDC no recorte supratranscrito é a presença da oração subordinada adjetiva explicativa no trecho “*que é a parte que vai ser substituída por um aparelho na cirurgia*”. Este é um recurso que, segundo Grigoletto (2005), possibilita ao divulgador trazer ao seu dizer o discurso da Ciência, deslocando-o, no entanto, a partir do gesto de interpretação que esse lhe atribui para que haja a compreensão daquilo que está sendo dito por parte do público leitor. Este recurso também pode ser identificado em outros recortes de nosso material.

...você vai lá e coloca um pequeno eletrodo dentro da cóclea... que é o nosso órgão interno da audição... e vai fazer então a pessoa escutar porque vai estimular o nervo auditivo que vai conduzir lá pro cérebro.
(IMPLANTE COCLEAR. **Bem Estar**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 03 de outubro de 2016. Programa de TV).

Guimarães (2001) ressalva, no entanto, que nem tudo que se refere à Ciência torna-se acontecimento enunciável para a grande mídia. É por este motivo que o autor se abstém da ideia de considerar o acontecimento como um fato empírico entendendo que “o acontecimento, enquanto acontecimento para a mídia, diz respeito a uma relação da mídia, a partir de uma posição da qual ela enuncia, com os eventos do mundo social e político” (GUIMARÃES, 2001, p. 14).

O autor destaca ainda que a ciência só é notícia quando apresenta um aspecto utilitário, quando possibilita respostas aos problemas sociais, especialmente, quando se refere aos cuidados com a vida humana, a partir dos avanços da Medicina, e quando apresenta desenvolvimentos tecnológicos, como os desenvolvimentos da área de informática. O implante coclear torna-se, neste sentido, um acontecimento que contempla ambas as áreas, o que, por conseguinte, o torna passível de ser enunciado.

(...) quem tem alguma perda auditiva... ou quem já tem uma perda total auditiva...desde nascença... não consegue nem perceber o que que é o silêncio... (...) a BOA notícia pra quem tem esse tipo de problema é que a medicina tem soluções muito importantes para resolver tudo isso... com cirurgias... com implantes... a gente vai falar sobre isso... preste atenção. (IMPLANTE COCLEAR. **Bem Estar**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 11 de setembro de 2014. Programa de TV).

O Bem-estar, enquanto um programa jornalístico que trata especialmente de assuntos relacionados à Saúde e das novas tecnologias surgidas para esta área, corrobora a afirmação de que há uma valorização desse tipo de acontecimento para a mídia. Além disso, é possível perceber um apagamento do sujeito sobre quem se enuncia. Não se diz surdo, fala-se de ‘alguém’ que tem perda auditiva, evitando-se, por esse modo de enunciar, uma fuga para sentidos indesejados, para uma outra formação discursiva que não significa o ser ‘surdo’ como sinônimo de necessidade de tratamento.

Sobre isso, ao enunciar que a medicina “tem soluções muito importantes para resolver tudo isso”, trata-se o corpo surdo como uma máquina, passível de reparos. Nesta direção, o corpo surdo é, como afirma Foucault (2014), diretamente mergulhado num campo político investido por relações de poder e dominação ligados a sua utilização econômica. Observa-se ainda, a partir do imperativo “*a gente vai falar sobre isso, preste atenção*”, uma convocação do público leitor para a adesão ao discurso publicizado. Ocorrência que também pode ser observada no seguinte trecho:

então presta atenção que eu vou falar com aquele médico ali ...((apontando para o médico)) e depois a gente te explica porque já tem uma operação pelo SUS que você pode voltar a ouvir (IMPLANTE COCLEAR. **Mais Você**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 19 de maio de 2009. Programa de TV).

Este trecho dista do anteriormente citado pelo fato de a apresentadora não se direcionar diretamente ao público, mas a um funcionário deficiente auditivo (surdo) que trabalhava no estúdio, durante a veiculação da matéria. Apesar disso, por entendermos que os sujeitos e os sentidos são definidos como práticas discursivas, consideramos que este sujeito ocupa, na estrutura enunciativa do DDC, o lugar destinado ao público leitor, o que reforça a assertiva de que há uma convocação para a adesão ao discurso do IC como alternativa para as questões relacionadas à surdez.

Segundo Vogt (2001), a maioria das pessoas utiliza os meios de comunicação como fonte primária de informação sobre os assuntos relacionados à Saúde, o que significa que a mídia exerce um papel protagonista na formação do indivíduo. Isso lhe permite, a partir das condições de produção que a determinam, dizer para o público leitor o que é importante e o que não é, remontando à ideia de Foucault (2014, p.08) de que “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos”.

Nesta mesma direção, Indursky (2017, p. 77) afirma que as empresas jornalistas, em nome da liberdade de expressão (ou liberdade de imprensa) têm usado os meios de comunicação para “publicar seletivamente o que é de seu interesse político e econômico, como proprietários destas empresas que são, e de outros segmentos da classe dominante (empresários, políticos etc.) com os quais estabelecem aliança”. Neste sentido, como a mídia não se constitui como um veículo de comunicação neutro e transparente⁵, podemos

⁵ Para Indursky (2017, p. 76) é exatamente o contrário, isto é, a mídia, no jogo entre o que deve ser memorizado e o que deve ser esquecido, “gerencia a memória coletiva dos brasileiros”.

afirmar que as notícias veiculadas acerca do implante coclear estão imbricadas com valores e crenças e atravessadas por questões ideológicas.

A afirmação de que “já tem uma operação pelo SUS que você pode voltar a ouvir”, no recorte acima, corrobora o que estamos afirmando. Produz-se, no/por esse enunciado, enquanto um efeito de sentido acerca do implante coclear, o entendimento de que ele pode resolver (curar), e de forma rápida e eficaz, a surdez, bem como a ideia de que esta cirurgia está apta a todos as pessoas surdas. Entretanto, como destaca Pfeifer (2015, p. 34), o implante coclear “não ‘cura’ ninguém do silêncio, apenas consegue nos dar várias horas de som todos os dias, estando sujeitos a falhas como qualquer aparato tecnológico; quando são desligados, a surdez ainda está ali” e que, além disso, trata-se de um “processo gradual e lento, leva anos para se ter uma audição razoavelmente próxima da audição de um ouvinte” (LOBATO, 2014, p. 89).

Além disso, os critérios necessários para que um indivíduo seja considerado um candidato à cirurgia, as etapas a serem seguidas até a realização do procedimento, os fatores que podem inviabilizar a colocação do dispositivo não são elencados. É neste meandro que concordamos com Caldas (2003, p. 73) quando esse afirma que a circulação de informações na/pela mídia de discursos de divulgação científica “representam negócios e interesses específicos de grandes grupos econômicos”. Authier-Revuz (1998), acerca dessa tratativa, afirma que, por ser o DDC uma reformulação do discurso científico, pode haver neste processo uma adaptação a um ou outro nível (que se antecipa acerca do leitor) e na direção de um ou outro grupo social.

Deve-se ainda acrescentar que a enunciação do DDC se constrói apoiada no discurso científico utilizando-se, para isso, o mecanismo da menção. Desta forma, o discurso da ciência aparece como uma retomada. Assim, segundo Authier-Revuz (1998, p.111) “pessoas, datas, lugares, modalidades e circunstâncias” estão presentes constantemente nos textos do tipo DDC, mesmo que estas referências sejam vagas. Em nosso corpus, isso aparece em recortes como os que seguem:

segundo os médicos... a cirurgia é simples e em muitos casos o paciente vai para casa no mesmo dia.
(IMPLANTE COCLEAR. **Mais Você**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 19 de maio de 2009. Programa de TV).

(...) pra falar sobre isso... hoje aqui no programa Dr. Tany Sanches... Otorrinolaringologista (...) e também Dr. Ana Escobar... nossa pediatra.
(IMPLANTE COCLEAR. **Bem Estar**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 11 de setembro de 2014. Programa de TV).

Outra característica do DDC perceptível em nosso *corpus* diz respeito à interlocução que se estabelece entre os diferentes sujeitos presentes no discurso que, em geral, tem o jornalista enquanto mediador e responsável por informar o leitor sobre o fazer do cientista por meio de um discurso do cotidiano, como em

(...) o Pietro e o Vitorio vieram com uma deficiência auditiva... o Pietro fez o implante coclear... que é... a colocação de uma parte... de um implante mesmo no interior do ouvido... ne doutor (olhando para o médico)...conectado com uma outra parte externa. falei direitinho?
(IMPLANTE COCLEAR. **Encontro**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 21 de outubro de 2014. Programa de TV).

e o especialista como fonte do saber,

falou direitinho... exatamente... faz a transformação do som... um impulso elétrico... que vai então estimular a cóclea... que estimula o nervo... que chega a informação no cérebro.

(IMPLANTE COCLEAR. **Encontro**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 21 de outubro de 2014. Programa de TV).

Observa-se aqui a manutenção e estabilização do imaginário social construído acerca da Ciência e do cientista tido como como lugar do rigor, de seriedade, do detentor do poder de verdade, daquele a quem podemos e devemos nos submeter. Grigoletto (2005) afirma que o jornalista projeta a imagem do cientista como o único com autoridade para poder dar explicações, fato esse evidenciado no recorte acima nos dizeres, ‘*né doutor?*’ e ‘*falei direitinho?*’.

Acerca da estrutura enunciativa do DDC, Authier-Revuz (1998) afirma que os discursos partem de três diferentes lugares: o primeiro, ocupado pela Ciência, é representado pelos diferentes profissionais devidamente identificados que garantem a integridade e seriedade ao discurso; o segundo, é ocupado pelo divulgador, responsável pela didatização do discurso da Ciência e pela mediação entre os especialistas e o leitor que também ocupa um lugar; e o terceiro, na estrutura constitutiva desse tipo de discurso. A autora salienta ainda que é próprio do DDC propor o lugar a ser ocupado pelo público leitor.

Importa dizer, contudo, que diferente de outros tipos de discurso, como o discurso ritualístico (FOUCAULT, 2014), em que tanto as qualificações que os indivíduos devem possuir quanto as posições que esses devem ocupar são previamente marcadas, no DDC não há uma relação direta entre esses lugares e os sujeitos que as ocupam. Assim, tanto o cientista pode falar a partir do lugar destinado ao discurso do cotidiano como os não-cientistas podem enunciar a partir do lugar da Ciência.

Considerações finais

Como procuramos mostrar a partir de nossas análises, o discurso de divulgação científica acerca do implante coclear funciona como um instrumento de prática política, cuja principal função está na reformulação do imaginário social acerca do surdo. Fala-se amplamente sobre o implante coclear, o que é, como funciona, os benefícios àqueles em que se realizam a cirurgia, mas silenciam-se os dizeres daqueles contrários ao procedimento, apagam-se do/no discurso veiculado os fatores que poderiam impedir a realização do procedimento ou mesmo seu insucesso.

Há uma determinação do local que o sujeito telespectador deve ocupar e os não-ditos acerca do implante coclear constroem um processo narrativo que o evidencia como um instrumento tecnológico exitoso, isento de falhas e disponível a todos. Este processo narrativo impede que o sujeito telespectador se filie a outras formações discursivas e ocupe posições diferentes daquelas que, por meio da antecipação, se espera dela. Ocorre assim, o que Indursky (2017, p.75) denominou de efeito de realidade, isto é, uma “cristalização da interpretação da emissora que se apresenta como “a” verdade”, produzindo um efeito de verdade.

Isso nos mostra a forte atuação da mídia nos discursos por ela (re)produzidos. O que nos permite dizer que ela se constitui como uma reguladora social do saber e que exerce forte influência no funcionamento dos aparelhos ideológicos do Estado como a família, por exemplo. Isso porque, ao permitir que circulem apenas dizeres favoráveis ao IC e evidenciar apenas experiências exitosas do Implante, a mídia pode construir no

imaginário familiar expectativas altas e permeadas por mitos e fantasias acerca desse instrumento.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.
- CALDAS, Graça. **Comunicação, Educação e Cidadania**: o papel do jornalismo científico. IN: Guimarães, Eduardo. *Produção e Circulação do conhecimento*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2003. 2v.
- DELA-SILVA. Do acontecimento jornalístico e do arquivo: efeitos do/no discurso. IN Grigoletto **A análise do discurso e sua história**: avanços e perspectivas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A lingual inatingível**: o discurso na história da linguística. [trad.] Bethânia Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Editora RG, 2ª edição, 2010.
- GREGOLIN, Maria do Rosário; **Análise do discurso e mídia**: a (re) produção de identidades. *Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo Vol. 4 n. 11 p. 11-25, nov. 2007
- GRIGOLETTO, E. **O discurso da divulgação científica**: um espaço discursivo intervelar. 2005. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2005.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Produção e circulação do conhecimento**. Campinas, SP: Pontes Editoras, 2001.
- IBOPE. **Participação da audiência das redes**. Disponível em: https://dados.media/#/view/CATEGORY/TELEVISION/MDB_TVA_PARTICIPACA_O_AUDIENCIA_REDES Acesso em: 15 de Junho de 2017.
- INDURSKY, Freda. **O movimento político brasileiro e sua discursivização em diferentes espaços midiáticos**. In: FLORES, Giovanna G. Benedetto; GALLO, Solange Maria Leda; LAGAZZI, Suzy; NECKEL, Nádia Régia Maffi; PFEIFFER, Cláudia Castellanos; ZOPPI-FONTANA, Mônica G. (Orgs.). **Análise de Discurso em Rede**: Cultura e Mídiam, v. 3. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.
- LOBATO, Lakshmi Eliane Austregesilo. **Desculpe, não ouvi**. São Paulo: Atitude Terra, 2014.
- NUNES, José Horta. Discurso de divulgação: a descoberta entre a ciência e a não-ciência. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). **Produção e circulação do conhecimento**. Campinas, SP: Pontes Editoras, 2001.
- NUNES, José Horta. A divulgação científica no jornal: ciência e cotidiano. In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). **Produção e circulação do conhecimento**. Campinas, SP: Pontes Editoras, 2003. 2v.

ORLANDI, Eni. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni. P. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4ª Ed, Pontes Editores. Campinas, SP, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Orlandi [et al.] 2ed Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014

PFEIFER, Paula. **Novas crônicas da surdez**: epifanias do implante coclear. São Paulo: Plexus, 2015.

VOGT, Carlos. **Revista com ciência**: publicação eletrônica de divulgação científica. In: GUIMARÃES, Eduardo. **Produção e circulação do conhecimento**. Campinas, SP: Pontes Editoras, 2001.

YAMADA, Midori Otake; VALLE, Elizabeth Ranier Martind do. **Vivência de mães na trajetória de seus filhos com implante coclear**: fatores afetivos e emocionais. 1. ed. Ribeirão Preto, SP: Book Toy, 2014.

Como citar este trabalho:

LIMA, C. P; QUEIROZ, A. M. A Divulgação Científica e o Implante Coclear: uma análise discursiva. **Traços de Linguagem**, v. 6, n. 1, p. 55-65, 2022.
